

PENSAMENTO E POESIA COMO FORMAR SIGNIFICANTES DA VIDA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE HEIDEGGER E RICOEUR

*THINKING AND POETRY AS SIGNIFICANT FORMS OF LIFE: AN
INTERLOCATION BETWEEN HEIDEGGER AND RICOEUR*

Jéferson Luís de Azeredo¹

Resumo: Procurou-se aqui, pensar a poesia no que se refere a uma hermenêutica-ontológica, no engendramento de uma abertura ao ser. Para isso, se fez uma interlocução entre o filósofo Martin Heidegger e Paul Ricoeur. Primeiramente com Heidegger, a partir da fase de virada, a *Kehre*, dos anos 30, apresentando-se a desconstrução da história da ontologia ou até mesmo metafísica, que para ele se deu a partir de um esquecimento progressivo do ser, desenrolando-se agora, pós-*virada*, paralelamente a um pensamento não representacional, mas sim poético, margeando a filosofia e indicando a verdade antes esquecida na forma de pensar que desvela o ser. Para tal empreitada, Heidegger coloca a linguagem em destaque, sempre na relação com Hölderlin, que retoma um pensar poético (*dichtende Denken*), e o faz afastar-se da ciência como único modo de pensar. Com Ricoeur, trabalhou-se aqui uma descrição de metáfora inserida numa teoria geral sobre a linguagem ou significação, que tem como tese a metáfora como retórica pela qual o discurso liberta o poder que algumas imaginações e ficções comportam para redescrever a realidade, bem como, uma relação entre imaginação e pensamento, em que há uma reflexão sobre o processo metafórico como fundamento da escrita poética. A partir destes dois autores e que se torna possível uma significação do mundo, dos outros e de si mesmo, ou seja, extrapola-se uma atitude interpretativa para o ser de quem interpreta, chegando-se a uma hermenêutica-ontológica.

Palavras-chave: Hermenêutica. Gadamer. Heidegger. Pensamento. Poesia.

Abstract: It was thought here to relate poetry to regard to a hermeneutic-ontological, in the breeding of an opening to being. For this, there was a dialogue between the philosopher Martin Heidegger and Paul Ricoeur. Firstly with Heidegger, from the turn of the century, the *Kehre*, from the 30's, presents his deconstruction of the history of the ontology or even metaphysics, which for him came from a progressive forgetting of the being, unfolding now post-turn, parallel to a non-representational, but rather poetic thinking, bordering on philosophy and indicating the truth previously forgotten in the way of thinking that reveals being. For such a work, Heidegger puts the language in prominence, always in the relationship with Hölderlin, who takes up a poetic (*dichtende Denken*) thinking, and makes him depart from science as the only way of thinking. With Ricoeur, a description of metaphor inserted in a general theory on language or signification, that has as its thesis the metaphor as rhetoric by which the discourse releases the power that some imaginations and fictions behave to redescribe the reality, as well as, a relation between imagination and thought, in which there is a reflection on the metaphorical process as the basis of poetic writing. From these two authors and that a meaning of the world, of the others and of itself becomes possible, that is, an interpretive attitude is extrapolated to the being of the one who interprets, arriving at a hermeneutic-ontological.

Keywords: Hermeneutics. Gadamer. Heidegger. Thought. Poetry.

¹ Professor de Filosofia na Universidade do Extremo Sul Catarinense; Doutorando do PPG em Filosofia da Unisinos. jeferson@unesc.net

1. Introdução

Apoiando-se no filósofo-poeta Hölderlin, Martin Heidegger vê a poesia como uma “lembrança do pensamento”, que se diferencia do que a ciência faz, ou seja, é o que escapa do pensamento ou está incompleto pela via científica, sendo aflorado pelo poeta. O objetivo é reconstruir o caminho da afirmação da poesia como pensamento na perspectiva heideggeriana, buscando os limites e o fundamento deste modo de pensar, e consequentemente, ser. Recupera-se brevemente o caminho num primeiro momento, ainda na sua primeira fase, antes da *Kehre*, da virada, entretanto, se destacará aqui sua fase de maior impacto ao problema levantado, que é a partir dos anos 30, em que há um destaque maior a uma hermenêutica, e que é colocado a questão do ser a partir do seu sentido, permitindo assim, que a interpretação seja o principal problema para o pensamento-poético. Destaca-se fortemente nesta fase a obra *A Origem da Obra de Arte*, numa distinção feita por Heidegger entre obra de arte e instrumento: a obra de arte caracteriza-se pelo fato de se impor como digna de atenção enquanto tal, ou ainda, um instrumento que se esgota no uso e na referência ao mundo (HEIDEGGER, 2010). Destaca-se também, a conferência de mesmo período *Hölderlin e a essência da Poesia*, o que possibilita delinear um pensar-poético sob o foco da questão do ser.

Em seguida, aborda-se Paul Ricoeur, em que ficção e poesia usam a linguagem que possibilita o habitar o mundo, destituindo o uso da linguagem ao uso restrito do enunciativo, da comunicação. A abertura que um texto literário possibilita inaugurar uma individual e singular capacidade de criar o mundo. Diferente de um diálogo em que a fala esclarece as referências, o texto diferencia tempo e espaço entre as duas partes envolvidas, texto (escritor) e o leitor. Ainda em Ricoeur (1990. p. 222), apresenta-se uma das teses: “É provável que a referência ao real deva ser abolida para que seja libertada uma outra espécie de referência a outras dimensões da realidade”, que vai ao encontro da relação entre metáfora e referência, expondo que a metáfora é esse processo de suspender a referência literal para recompor outro grau de referência: “Se é verdade que é numa interpretação que sentido literal e sentido metafórico se distinguem e se articulam, é também numa interpretação que, graças à suspensão da denotação de primeira ordem, se liberta uma denotação de segunda ordem, que é propriamente a denotação metafórica” (RICOUER, 1990, p. 330). Essa relação permite a compreensão das escritas poéticas. “A escrita poética compreende o processo metafórico como desencadeador de estratégias de produção e recepção textual” (RICOUER, 1990, p. 9)

Por isso, a tese de Ricoeur de que o discurso poético faz a “suspensão de referência” e impõe uma ação interpretativa em “busca de um outro modo de referência” (RICOEUR, 1990, p. 341), faz-se interagir sujeito, mundo e leitor, para desencadear o processo de redescritção do mundo, reescrevendo mundos (os textos) (RICOEUR, 1990, p. 9).

2. Heidegger e a questão do caminho da linguagem

Heidegger é conhecido por recolocar a questão do ser não mais a partir do “como”, mas pelo “sentido” do ser, embora aja visivelmente um caminho que segue em favor da “verdade do ser”, e em seguida pelo “lugar” – topologia – formando um caminho: sentido, verdade e lugar, como ele mesmo afirma nos seminários de Thor em 1966. Assim, “retomar a questão do ser significa, pois, elaborar primeiro, de maneira suficiente, a colocação da questão” (HEIDEGGER, 2002, p. 40).

Após *Ser e Tempo*, Heidegger mostra-se diferente à análise do ser que era unicamente por uma analítica do *Dasein*, fazendo-a agora por abordagens do poético, do artístico e da técnica. Assim, Heidegger enverga sua filosofia, na conhecida “viragem” - *Kehre* – que não se pretende aqui defender ou discordar de seus elementos, mas, apontar que a envergadura de Heidegger modifica sua filosofia não pela negação de um projeto de modo geral, mas pelos elementos que são destacados para completa-lo, e aqui se encontra o fulcro que dialogará com Ricoeur: destacar a linguagem como constituinte básica do pensamento heideggeriano de ser e pensar, a partir denominada virada hermenêutica.

Se no âmbito da linguagem, para Heidegger, ela é um dispositivo existencial, submetido ao *Dasein*, e depende desse para dar-se, na viragem da década de 30, ela se constitui fundadora da própria história do homem, quando assume o papel de mensagem dos deuses. Sua forma mais especial é a linguagem poética, que para Heidegger, institui-se a “casa do ser”, isto é, ela se configura como possibilidade absoluta do homem caminhar rumo à sua essência. Devido a isso, a filosofia e todos os saberes, deveriam assimilar uma aproximação do fundamental da linguagem, como ele afirma: “em jogo está aprender a morar na fala da linguagem” (HEIDEGGER, 2008, p. 26).

Em uma das obras da mesma época *Carta sobre o humanismo*, uma das principais noções desenvolvidas é a investigação da essência da linguagem a partir da busca da origem não só da filosofia, mas do pensamento humano originário, encontrando-o na poesia, principalmente na poética hölderliana, o que inaugura uma

abertura originária ao ser. Mas o que Heidegger quer com a diferenciação entre o pensar e o pensar originário? Novamente surge a questão do pensar como juízos, conceitos e enunciados do âmbito metafísico clássico. O “salto” que Heidegger dá, e que se pode ver na conferência *O que quer dizer pensar?*, passa pela afirmação categórica de que a ciência não pensa, pois há um vão gigantesco entre pensamento e ciência, “das ciências para o pensamento não há nenhuma ponte, mas somente salto” (HEIDEGGER, 2003, p. 115). O que é trazido inevitavelmente é a escolha que o homem fez pela técnica, pela ciência e que o tem afastado de si mesmo. Tal ideia é ainda mais desenvolvida na conferência proferida por Heidegger no ano de 1955 que se intitula *Gelassenheit* (Serenidade) na qual ele fala do caráter técnico que domina o mundo atual, alertando para o fato do homem atual apenas se apropriar dos objetos tecnológicos, e ao se apropriar desses objetos ele esquece de si ao tornar-se “pobre – em-pensamento”, perdendo assim suas raízes. Assim, além de enfatizar a concretização da liberdade derivado de um projeto de homem aberto a partir das suas escolhas (meditativo – base da conferência aqui citada), traz ainda que tal escolha por ciência e técnica são escolhas do próprio homem, sem vitimismos, “O Homem atual, está em fuga do pensamento, essa fuga-aos-pensamentos é a razão da ausência-de-pensamentos. Contudo, tal fuga deriva do fato de o homem não querer ver nem reconhecer essa mesma fuga. (HEIDEGGER, S/D, p. 12).

A linguagem não é entendida mais em relação a facticidade, como em *Ser e Tempo*, e sim como compreensão e abertura a sua existência, como se vê posteriormente nas conferências e seminários reunidos na obra *A caminho da linguagem*, que não apenas possibilita o homem de se expressar, promovendo uma espécie de realização do Dasein, ou como diz Heidegger, uma “hermenêutica da facticidade”, e sim, uma abertura originária do ser, e como máxima expressão: a poesia. se pela “Analítica” se tem uma explicitação da vida diária, mas ainda uma estabilização desta, a poesia possibilita ultrapassar.

Isso permite concluir que o trato intelectual de significação ou até de interpretação do mundo é uma estabilização do cotidiano, provocando não uma abertura de desvelamento, mas de espelho com os entes que aí estão, é o que Heidegger chama de “encobrimento” ou ainda de *das Man* (a gente). Para o desencobrir-se, em apropriação autêntica, é necessário uma interpretar como poder-ser, como abertura, e não como decisão do dasein. A poesia transpõe a história, pois o discurso que está inscrito na linguagem, mas é transcendental e é alcançado pela poesia.

Ao analisar o poema *Uma tarde de inverno*, de Georg Trakl, Heidegger mostra como o evento enunciado no poema referencia diretamente o tempo transcorrido e limitado. Tal fala nomeia tempo e espaço: uma tarde de inverno. “Essa fala nomeia a neve, que à tarde, no final do dia, enquanto soa o sino vespertino, atinge silenciosa a janela. No cair dos flocos de neve, tudo o que perdura, perdura de maneira prolongada” (HEIDEGGER, 2003, p. 15). Este “nomear” não atribuir palavras de uma língua aos objetos já conhecidos e representáveis, mas evoca a palavra e descobre, “A evocação convoca. Desse modo, traz para uma proximidade a vigência do que antes não havia sido convocado” (HEIDEGGER, 2003, p. 15). Por se fazer distante, descobre-se pela linguagem e o presentifica: a linguagem do poema excepcionalmente. Assim, ao provocar se tem uma evocação e uma proximidade, retirando-se a distância, como se vê ao evocar o cair da neve e o soar o sino da tarde, elementos que não estão no momento presente e aqui, mas abre uma clareira do ser revelando para além do tempo presente, produzindo assim um dizer significativo que não apenas reproduz.

Ressalta-se que essa concepção de poesia trazida por Heidegger ultrapassa uma configuração literária ou gênero de escrita, pois não se entendi poesia aqui com um olhar estético, pois ela é linguagem, é onde há o originário do pensamento e conseqüentemente do ser, é onde há a “clareira”, como se vê na conferência de 1951 *O homem habita em poesia*, retratando Hölderlin, e denunciando o momento da crise da modernidade em que o homem é incompatível com a poesia, devido a sua queda, sua ocupação e falatório e dispondo de pouquíssimo tempo para questões da poesia, “A poesia ou é bem negada como coisa do passado, como suspiro nostálgico, como voo ao irreal e fuga para o idílico, ou então é considerada como uma parte da literatura.” (HEIDEGGER, 2008, p. 165).

Sendo a linguagem poética a ultrapassar o embasamento puramente técnico e lógico do pensamento, como Heidegger afirma especialmente também no texto *Construir, habitar, pensar*, ou relembrando, em toda sua obra *A Caminho da linguagem*, ele estabelece o pensamento e a poesia em uma relação intrínseca. Esta premissa, que exige um trato detalhado e paciente, como afirma Heidegger (2003, p. 65), “O diálogo do pensamento com a poesia é demorado. Trata-se de um diálogo que mal acabou de começar”. “De-morar”, introduz-se aqui um pensamento que habita na morada poética e que procura recolocar o homem no horizonte de si desvinculado da impossibilidade de tudo saber por meio exclusivo da razão. O ser situa-se em outra condição, que agora está mais para a poesia do que para a ciência, como diz Benedito Nunes (2011, p. 19)

em *Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético*:

[...] o intercuro dialogal com a filosofia em Heidegger não se dá com a ciência, mas com a poesia. Quando lemos *Was heisst Denken?* (O que significa pensar?), deparamos com a afirmação de que “a ciência não pensa”. E em outro trecho da Primeira Preleção, invocando a figura de *Mnemosyne* após ter declarado que há um abismo entre a ciência e o pensar, Heidegger apoia-se em Hölderlin para descerrar o segredo do pensamento, como um aceno de uma lembrança a recuperar. O *Denken* [o pensar], nesse caso, se converteria num *Andenken* [lembrança]. O que foge ao pensamento, e que jamais poderíamos encontrar na ciência, e que é a lembrança, aflora no poeta (na poesia), e aponta para aquilo que o pensamento deve visar. Então a lembrança, como o pensável (*das Andenken an das zu-Denkend*) é a “fonte fundamental do poeta”.

A partir desta definição, Heidegger sugere que a linguagem criativa, aquela que nomeia as coisas pela primeira vez, é *Dichtung*, contrariando a noção de linguagem como instrumento de comunicação daquilo que já se encontra descoberto. O que fica claro diante da meditação heideggeriana da poesia é que Heidegger coloca a poesia como pensamento fundante, a essência da linguagem em que o ser é desvelado.

3. Ricouer e a linguagem como construção de si

Em meio a questões levantadas sobre a relação entre pensamento e poesia inaugura-se uma abertura do ser que tange-se a Heidegger, é que se conecta a uma questão que é imprescindível, a saber: o significado da palavra dita ou escrita. Pois se há um pensamento dito ou escrito e este está contido na e pela palavra, o significado e sua interpretação são elementos desta questão antes levantada. Surge uma opaca relação entre significação e linguagem. Para Ricouer, não é a penas uma passagem do semântico para o hermenêutico em que se utilizam apenas lógica, mas uma filosofia da imaginação, que cria.

Como premissa maior, se estabelece que a linguagem não deve operar arbitrária, uma simples relação entre palavra e coisa. Se tem como crítica a este processo, o entendimento de uma linguagem simbólica (NUNES, 1986). A hermenêutica possibilita aclarar a suspeita quanto a linguagem não dizer exatamente o que quer dizer, como diz Benedito Nunes (2011, p. 47), “a vida é interpretável, porque ela é compreensível, mediante os valores e os fins da ação que se objetificam nos produtos da cultura, principalmente nos escritos que podemos recuperar”.

Na empreitada hermenêutica o intérprete movimenta-se no círculo hermenêutico numa apreensão do processo da obra, que se segue da parte para o todo e do todo para a parte, o que prescreve que se tenha uma pré-compreensão que aos poucos vai cedendo e se tornando mais profunda. Entretanto, pode-se pensar aqui que se trata de uma consciência histórica, pois a interpretação do texto vai ao encontro da própria história; é uma reorganização dele a si próprio.

Com Ricoeur se tem um maior arquétipo de interpretação que permite um distanciamento possível sem perder uma experiência significativa. Em *Metáfora Viva*, Ricoeur levanta tal questão claramente e diz, “ou praticamos a atitude metodológica, mas perdemos a densidade ontológica da realidade estudada, ou então praticamos a atitude de verdade, e somos forçados a renunciar à objetividade das ciências humanas” (RICOEUR, 1990, p. 43).

Ricoeur coloca que o discurso é um acontecimento que se liga a linguagem, mas ainda é diferente dela. Assim, sob o signo é que se monta o sentido, o acontecimento do sentido, ou a significação. Mesmo que o acontecimento tenda a ser incorporado pela linguagem, possuem características diferentes. O primeiro está no tempo e o segundo fora dele. Assim, o evento se mostra pela linguagem, e esta surge porque há um acontecimento para ser sobre, portanto carregando significação(ões), que agora passa a ser estudada pela hermenêutica; se quer saber a articulação entre acontecimento e significação.

Ao entrar em forma de linguagem, o acontecimento ultrapassa a significação (RICOEUR, 1990, p. 47). Analisar um texto, portanto, é compreender um discurso que se inscreve da ultrapassagem do próprio acontecimento em relação a sua significação. Logo, as propriedades do discurso não são diferentes da do texto. Ainda, não se pode omitir aqui, que para Ricoeur é mais importante interpretar o mundo, que é criado pela escrita, pois não se tem um discurso ou ainda uma escrita de ficção que “não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível, mais fundamental que aquele que atinge o discurso descritivo, constatativo, didático, que chamamos de linguagem ordinária” (RICOEUR, 1990, p. 56).

Aqui se insere a questão proposta neste artigo, que cria um diálogo entre Heidegger e Ricoeur, que é pelo jogo da dialética entre o discurso e a escrita, entre o dito e a metáfora, a efetuação de uma nova referência que se mostra possível para a abertura do ser no mundo, e isto, com o texto. Descortina-se o mundo pela linguagem, e se abre a uma existência “tais como a tonalidade afetiva ou disposição anímica, a

apropriação projetiva do mundo e a intersubjetividade” (NUNES, 1986, p. 81). O que Ricoeur deseja é mostrar que pelo processo metafórico há o estabelecimento de uma inovação semântica que “acontece” pela linguagem: “não há metáfora no dicionário, apenas existe no discurso; neste sentido, a atribuição metafórica revela melhor que qualquer outro emprego da linguagem o que é uma fala viva; esta constitui por excelência uma ‘instância de discurso’” (RICOEUR, 1990, p. 148). A metáfora é então um acontecimento semântico que se produz simultaneamente um acontecimento e uma significação, um acontecimento significativo, uma significação emergente criada pela linguagem. (RICOEUR, 1990, p.150-151).

A criação poética é por excelência uma maior abertura? Portanto, a poesia é uma escrita silenciosa e criativa esperando que se disponha a ouvi-la?

Como maior abertura ela se mostra arruinadora de uma referência ao real e portanto com maior poder de criar de possibilitar a uma expansão, isso em analogia ao poder do imaginário, que coloca a referência do real em ambiguidade alterando-o num jogo de linguagem capaz de suspender toda referência que se pretende fechada. (SANFELICE, 2014, p. 49).

O discurso poético, segundo Ricoeur, “...deixa-ser a nossa pertença profunda ao mundo da vida, deixa-se dizer a ligação ontológica do nosso ser aos outros seres e ao ser. O que assim se deixa dizer é a referência de segundo grau” (1989, p. 220). Essa referência, que Ricoeur também chama de referência primordial, é para onde o enunciado poético se dirige, produzindo, nesse processo, a redescrição da realidade.

Não se nega que o oposto a esta compreensão, que é a crítica epistemológico dos positivistas que afirmam que toda linguagem que não é descritiva cai num subjetivismo, num emotismo, gera um obscurecimento da teoria em questão. A dicotomia entre denotação e conotação em seu isolamento, pode trazer uma autossuficiência para ambos. O que Ricoeur destaca é que uma “teoria da denotação generalizada pode enraizar essa referência duplicada no enunciado metafórico, da mesma forma que a contradição sem significação torna-se uma contradição significativa a partir da ruína do sentido” (SANFELICE, 2014, p. 50).

A “Metáfora Viva” é, portanto, a marca de diferença da poesia que se reconhece um trabalho de escrita a partir do ato de leitura, pois ler é intervir na elaboração imagética para efetivar a redescrição do mundo. Isto, somado a outra questão, que diz respeito ao problema da referência e da representação - mimese. Ricoeur argumenta que

a inovação semântica é uma resposta ao estaticismo das coisas e, portanto, quando ocorre a inovação, também ocorre uma “redescrição do universo das representações” (RICOEUR, 1990, p. 192), esta segunda questão, embora se ligue a este problema, está principalmente desenvolvida por Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, por isso não abordando com clareza neste texto.

4. Conclusão

Em Heidegger a imaginação não pode ser invocada, mas permite alcançar o ser-no-mundo, que é a liberação de uma referência do ser que atinge o mundo, relação esta, de criação que vai além do texto escrito, tendo o sentido de poesia como *poiésis* “é a potência fundamental da habitação humana”, do habitar humano” (NUNES, 2011, p. 147). Em Ricoeur, ao suscitar a participação da imaginação, resulta numa criação de sentido que dinamiza a experiência e transforma a referência ao cotidiano. Esse fenômeno que Ricoeur denominou inovação semântica é mais bem identificado nos enunciados poéticos, onde o poder de expansão da linguagem alcança uma referencialidade mais primordial, mais original.

A proposta foi estabelecer uma ligação entre o resultado da síntese imaginativa que esses enunciados demandam, e algumas consequências práticas que derivam dela: o utópico e o estético. O percurso da filosofia de Ricoeur incorpora uma noção de imaginação que tem um papel formativo na nossa concepção de realidade e que permite experimentar “visões de mundo”.

A teoria ricoeuriana da metáfora tem seu fundamento na poética aristotélica. Porém, o que era um desvio ou transporte da significação ao nível da palavra, será agora uma criação que ocorre através da tensão presente no enunciado metafórico inteiro. O que ocorre neste enunciado é uma impertinência que relaciona dois termos incompatíveis, e que exige um trabalho de resolução que cabe à imaginação. Inovação semântica é o que emerge dessa tensão inicial entre os termos em conflito. A exploração dos limites da linguagem poética, tensionado igualmente na relação poesia e realidade, é necessária para se efetivar um discurso poético que assume na sua interioridade a sua autonomia. A escrita poética compreende o processo metafórico como desencadeador de estratégias de produção e recepção textual. Por isso, a tese de Ricoeur de que o discurso poético faz a “suspensão de referência” e impõe uma ação interpretativa em “busca de um outro modo de referência” (RICOEUR, 1990, p. 341), interagindo sujeito, mundo e

leitor, para desencadear o processo de redescrição do mundo, reescrevendo mundos (obras literárias).

Avançando nessa ligação entre imaginação e linguagem, o vínculo da imaginação produtora com a plenitude da linguagem poética nos permite falar da veemência ontológica de um objetivo semântico. Portanto, tanto Heidegger quanto Ricoeur denominam poesia como um direcionamento intencional ao real derivado do poder de redescrição dessa linguagem, e que atesta a veemência ontológica, a compreensão do ser, que é manifesta em tudo quando conseguimos pensar, enunciar e expressar, ou ainda fazer; É a distinção do homem como Dasein, como ente que entende o ser e que interpreta em partes e de certa maneira a si mesmo, bem como ao mundo em que ele se insere.

Assim, como em Heidegger a noção de compreensão, que se liga a interpretação pois parte de um Eu transcendental com consciência, é abertura, pois procura pela facticidade estabelecer um ser-no-mundo, Ricoeur aproxima-se com a ideia de (re)criar novo mundo.

5. Referências

- ALVES, I. F. A Linguagem da Poesia: Metáfora e Conhecimento. Revista: *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários, Volume 2, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Edusf. 2008.
- _____. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Edusf. 2002.
- _____. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Edusf. 2003.
- _____. *A Origem da obra de arte*. Tradução Idalina Azevedo; Manuel António de Castro. São Paulo, Edições 70, 2010.
- NUNES, B; CAMPOS, M. J (Orgs.). *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 2ª ed.
- RICOEUR, P. *Metáfora Viva*. Porto: Rés, 1990.
- _____. Do Texto à Ação. In.: *Ensaio de Hermenêutica II*. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.
- SANFELICE, V. O. *Metáfora e imaginação poética em Paul Ricoeur*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, RS, Brasil, 2014.

Recebido em: 9/12/2018
Aprovado em: 28/02/2019